

A Infância, a Adolescência e os Problemas da Orientação Educacional

Pelo Prof. JAIR G. RAPOSO

PRIMEIRO TEMA

Nós, professores, só travamos conhecimento com a infância quando aos 4 anos de idade os pais as levam ao Jardim de Infância. É isto só ocorre se algum de nós gosta de ensinar à criança em tenra idade.

Esse período da vida vai do nascimento até os 11 anos e uma das suas principais características é a agressividade. Em torno do comportamento agressivo tão freqüente, o "reberto" humano apresenta muitos problemas, os quais poderão ter a sua solução no trabalho eficiente do professor de Educação Física.

A criança, mesmo a de 4 a 7 anos, precisa de atividades físicas, recreação e histórias que se completem com exercícios de correr e dar saltos, a fim de dar expansão às suas energias e permitir o perfeito desenvolvimento ósseo, nervoso e muscular do seu delicado corpo. Linguagem clara, termos fáceis, expressão no rosto para cada atitude, elogio ao grupo, censura isolada e supressão de gestos ameaçadores, eis os primeiros traços do professor interessado em ajudar na adaptação do novo ser.

Interesses perceptivos são outra característica da infância. É excessivamente descuidada, esquece as coisas com a maior facilidade e a nada se prende. Com freqüência, muda o humor e a vontade. É curiosa e deseja saber as coisas, não se interessando no porquê das coisas. Explicações elementares satisfazem seu interrogatório e se nos descrevem alguma coisa, falam do que vêem e não das partes que compõem o que vêem. Logo, ela deseja saber o porquê da existência de uma coisa e não do conteúdo dessa coisa. A sagacidade está presente em todos os seus atos, associações elementares facilitam a compreensão de certas coisas e já estabelecem relações superficiais como mecanicismo inicial que vai se desenvolvendo com novas experiências.

Depois dos 7 anos já não devem estar juntos os 2 sexos, passando de recreação para pequenos jogos. Inicia-se então a formação do grupo, devendo o professor ensinar o passe ou o urra, a



brincadeira por equipe, etc., como fator essencial da aproximação entre os guris. A uma criança não se diz "não faça isto", mas se sugere que "faça outra coisa", atendendo, em parte ao seu desejo e corrigindo erros sem humilhá-la com uma repreensão ou recusa. A criança não sabe por que age desta ou daquela maneira. Não adianta portanto encurralá-la num canto, de dedo em riste e exigir-lhe uma explicação para o que fez; ela não saberá explicar. Os exercícios de suspensão, flexão, saltos e pequenas acrobacias devem ser ministrados antecipando-se aos jogos (estes devem ter sempre poucas regras).

Um dos principais problemas da infância é a angústia.

É a angústia a sua mais acentuada característica. Se analisarmos os fundamentos dos modos de insatisfação na adaptação, observados na criança, encontraremos os seguintes fatores: dificuldades educacionais, acanhamento, mentira, situação conflitual no lar, defeitos físicos, orgulho, medo e respeito.

Angústia é ansiedade, preocupação, agonia. A criança não sabe por que está angustiada e por isto mesmo não pode

evitar esse fenômeno da vida psíquica, que se caracteriza por um estado de emoção. Ela não sabe de onde vem essa opressão e, por mais que lute, não consegue recuperar a tranqüilidade.

O medo é a inquietação do espírito e se apresenta em 3 aspectos: pavor, ameaça e susto.

Pavor: medo de um perigo real, determinado por um fator desencadeante, como por exemplo: desmoronamento, ladrão, punição, escuridão, etc.

Ameaça: medo de um perigo real mas cuja intensidade não corresponde a ameaça, cessando tão logo cesse a causa, como por exemplo: ameaças de: suspensão, castigo, pancada, proibições, etc.

Susto: medo provocado por um perigo imaginário. O susto é um medo irreal, mas a preocupação leva a imaginação a tecer intermináveis labirintos.

É principalmente o medo que gera a angústia, nas camadas mais profundas do psiquismo humano. É lamentável que muitos professores ignorem isto.

Timidez, fuga, vagabundagem e perversões são conseqüências de uma vida

escolar mal orientada, juntamente com uma situação conflitual dentro do lar.

O respeito é uma máscara com a qual a criança esconde o medo e o temor. No entanto, é com orgulho que muitos colegas se ufanam do respeito que os alunos têm por eles.

A criança tem um ciclo de relações muito pequeno, o qual deve, desde cedo, despertar-lhe serenidade, segurança e, acima de tudo, *alegria de viver*.

Quando, na escola, a criança enfrenta professores que não procuram unila ao grupo, ensinando-a a brincar, cantar, jogar e viver com os outros, e em casa tem pela frente os irmãos mais velhos ou os pais que a tratam com rigor e restrições, ela vai se entregando ao abandono e passa a sentir-se como unidade isolada, afastando-se de todos. Torna-se, então, tímida, foge de casa ou então empreende pequenas fugas e se incorpora à vagabundagem, entregando-se a perversões que vão levá-la aos mais perigosos vícios.

Aos 12 anos se inicia a adolescência precedida da puberdade, que vai dos 11 aos 14) e termina aos 18. Essa fase de transição, na qual novos caracteres morfofisiológicos surgem no rapaz e na moça, dá começo a um período de crises em ambos os sexos. Modificações psíquicas são também identificadas, conduzindo-os a novos e os mais variados interesses.

Ao curto período pubertário podemos chamar de pré-adolescência, tempo em que predomina o crescimento e se esboça o aparecimento dos caracteres sexuais secundários. No rapaz, notam-se *resquícos fecundantes* e na menina as menstruações sem intervalo certo.

A adolescência é um período psicofisiológico que dura 5 a 6 anos, no qual

ocorre a maturação das glândulas, particularmente das glândulas sexuais.

A puberdade pode aparecer precocemente ou um pouco atrasada, não devendo constituir problema que assuste a criança ou aos pais.

O adolescente se julga um ser original, sendo capaz de submeter-se aos atos mais cômicos e ridículos, pelo desejo que tem de agradar e de firmar-se.

Ele é ora introvertido e revoltado contra tudo e ora extrovertido e bom, pronto a prestar qualquer favor. Uma coisa nêle é crise como fator de perturbações e outra é crise que conduz a um estado moldado segundo determinadas características e dotado com uma maior riqueza de formas definidas. Paralelamente com essas modificações, realiza-se um movimento de integração (ou desajustamento), visando sintetizar, numa unidade, o número cada vez maior de novas aquisições. É a fase em que o ser humano adquire os fundamentos da mentalidade.

O amadurecimento fisiológico, bem como o apetite sexual e suas experiências, até então desconhecidas, contribuem bastante para o desenvolvimento da mentalidade do adolescente em face dos problemas da vida. Nesse período, já um tipo de caráter deve estar formado, a fim de evitar qualquer perda moral no comportamento humano. A sexualidade não constitui a causa da nossa existência nem um fim em si, mas encontra motivos que a justifique, o que a isola como fator da vontade e eleva para à esfera racional. Contudo, desde o período dos desejos e sonhos até o da realização, não tem o adolescente estudos que lhe permitam conhecer esse mecanismo, passando por sabores e conseqüências facilmente evi-

táveis, se orientado. E, no entanto, o único professor que se aproxima dêle, e convive com êle mais intimamente, é o professor de Educação Física. Se este procurar ajudá-lo, conforme deve ser, porque, na escola secundária, é êle o maior conhecedor deste problema, poderá dar ao adolescente proveitosos conselhos. Assim, através de instruções quanto à higiene mental e vida sexual, pode a professora permitir à adolescente conhecer-se e o professor ensinar ao educando como iniciar-se na expansão da vontade, evitando conseqüências e agir na vida como ser social perfeitamente ajustado ao grupo.

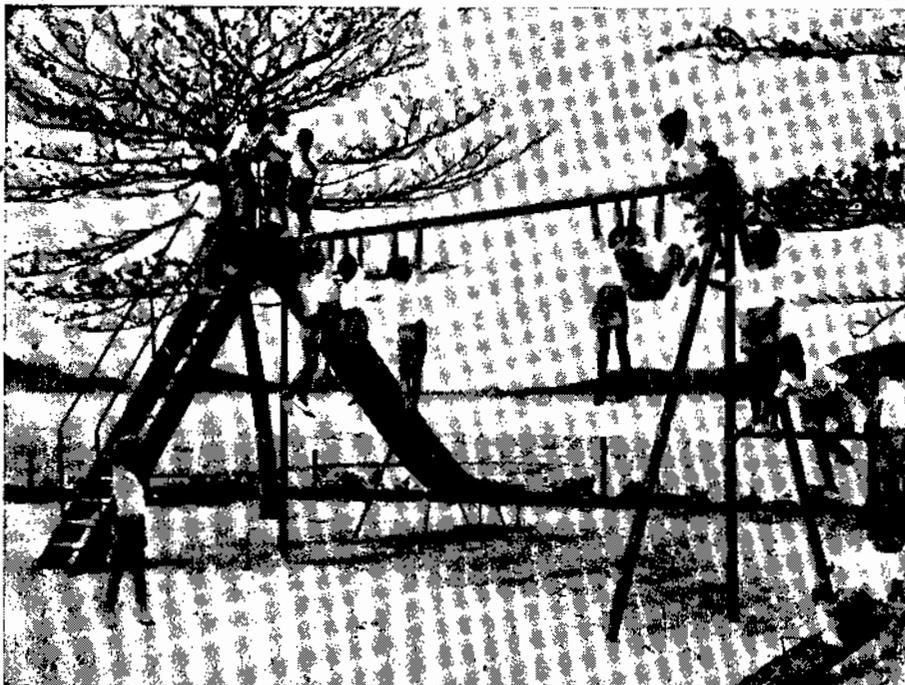
O moderno professor um orientador acima de tudo prático, não é um pregador ou um doutrinador teórico e nem deve permanecer distante dos educandos, mas manter-se junto a eles, estimulando-os e observando as suas reações, para tirar delas as conclusões sobre o valor deste ou daquele, assim como da necessidade de maiores cuidados com os que não estiverem bem ajustados.

A hiperemotividade é um dos sérios problemas que apresenta o adolescente; nessa fase da vida, êle descobre um novo EU e passa a defendê-lo contra ironias, incompreensões, etc. Por isto mesmo, a emotividade polarizada pode provocar, nêle, tempestades violentas em represália a uma pequena observação nossa. Enquanto isto, notamos inesperadamente, nêle, em ocasiões as mais diversas, estados depressivos em que parece mergulhado na mais completa inibição. Êle se conduz, então, como um ser frágil e sem harmonia individual, mas é normalmente, agressivo e toma sempre atitude hostil contra os que se opõem à sua completa satisfação, só se modificando diante das restrições impostas pelo meio social. Essa agressividade aparece, depois, sob outras formas, como a inveja, exuberância de força muscular, pirraça, etc. Por esta razão, vemos, às vêzes, usando à lei dos mais fortes, adolescentes a esbofetear, empurrar ou desafiar colegas mais fracos como manifestação de vingança ou ciúme.

Existem tipos agressivos que conservam toda violência e perigo da sua revolta até a vida adulta, sendo classificados como impulsivos e perversos.

Difícilmente, porém, a agressividade, na infância e na adolescência, leva as crianças a cometerem delitos graves. O que pode acontecer é ela voltar a agressividade contra si mesma, julgando-se incompreendida e entregar-se a profunda crise de angústia, procurando livrar-se dessa situação pelo suicídio.

Quase todo adolescente tem consciência dos limites das suas possibilidades. Em face dessa situação, uns procuram orientação com seus superiores e com os mais velhos, enquanto outros pro-



curam compensar a sua falta de segurança através da arrogância e da insolência. Nasce nêles, em consequência, o conflito entre o "querer" e o "não saber fazer".

O adolescente não admite opiniões na solução dos seus problemas, tornando-se, por isto, impenetráveis. Se merecermos a sua confiança, devemos proceder com certa polidez, permitindo-lhe julgar que encontrou a solução sozinho.

O fato de respeitá-lo permite-nos uma aproximação mais rápida, criando um ambiente de compreensão e estabelecendo um convívio agradável, onde êle se sentirá mais a vontade.

Em caso contrário, podemos prejudicar seriamente o equilíbrio da sua formação cultural, deslocando-o para o mundo das ilusões e castelos e o descrédito ao valor dos adultos, nos quais êle estuda o temperamento e as fraquezas e vai depois criticar à sua moda.

O adolescente está sempre lutando pela independência e procura destacar-se dos outros, realizando algo muito importante. Seu desejo é firmar-se perante o meio-ambiente — seus familiares, professores, amigos, etc. — e nessa luta sem estímulo é êle, às vezes, iludido em sua boa-fé pelos políticos que, tão habilmente, manejam a mocidade estudantil.

Indefesos; desiludem-se em seguida e, mais uma vez, entregam-se ao aca-nhamento.

O professor de Educação Física, senhor desses problemas e tendo em suas mãos a oportunidade de servir a esses moços, não pode descuidar da sua tarefa honrosa, procedendo com humanidade e igualdade, imparcialidade e presença de espírito, para que se possa tornar possuidor da amizade da criança, confiança da adolescência, gratidão dos pais e orgulho da Pátria.

O adolescente gosta de praticar ginástica e desportos, mais do que entregar-se a outra qualquer atividade. Isto facilita muito a nossa tarefa e nos dá certa autoridade, da qual, às vezes, até abusamos punindo severamente os faltosos. O professor de Educação Física está mais intimamente em contato com o aluno do que qualquer outro professor, razão por que dêle podem partir as bases do pensamento infantil e a noção de relações entre o indivíduo e o grupo, bases que o farão encarar a vida com alegria. Devemos, entretanto, ter presente em nós uma coisa: cada vez que expulsamos um aluno da aula, afastamo-lo do grupo e isolamos de experiências que melhores resultados trazem do que o isolamento. A atitude nêle é sempre ditada por um complexo de reações incontroláveis, em virtude das constantes modificações ocorridas no seu organismo e a agressividade é ainda uma carga que o impede de agir serenamente. Dos 13 aos 15 anos, a ginástica e a iniciação dos desportos coletivos, assim como os grandes jogos, devem ser ensinados. Nem tôdas as regras da prática desportiva devem ser seguidas, quer no basquetebol, no voleibol, etc., porque podem enjoar o adolescente com a dificuldade de lavar tentos. O adolescente quer sempre agir com ampla liberdade e quando é punido, com muita frequência, abandona a atividade que lhe causa aborrecimento.

O importante é salientar o valor do *passé*, a necessidade dos companheiros, como meio para facilitar a vitória e dividir os esforços, a importância do juiz para presidir a competição e assegurar o respeito às regras e o estímulo da torcida como admiradora da luta que se trava entre 2 forças, tomando sempre o lado do lutador mais leal, mais combativo e mais simpático.

Isto leva o adolescente a sentir que o desporto não é ocupação de malandro, mas uma atividade que possui leis respeitáveis e obrigam o praticante a cavar a perfeição para melhor sair-se nela, bem como procurar companheiros que, com êle, se entreguem ao mesmo esforço para juntos vencerem os oponentes.

Depois dos 14/15 anos, tôdas as regras podem ser ensinadas, pois a aprendizagem inicial já estará bem assimilada, não encontrando, portanto, o educando dificuldade em fazer maiores restrições e introduzir pequenas chaves e táticas de modo a permitir maior eficiência na defesa da sua cidadela e no ataque ao território adversário.

Aos 16/17 anos, os sistemas táticos atraem sua atenção por causa do desejo de sucesso e, então, às chaves são efetuadas sem defeito, para que o adversário não consiga vencê-los.

Mas a sessão de ginástica não deve nunca deixar de ser ministrada, ficando o jôgo para ser efetuado como prêmio pela boa execução dos exercícios.

Êstes são os traços gerais dos problemas que acabamos de estudar e os quais procuraremos solucionar em nossas próximas palestras e sessões práticas, não só porque a infância e a adolescência devem ser melhor orientadas, mas também porque desejamos criar uma mentalidade nova no professor de Educação Física, ampliando seu raio de ação na assistência à formação da juventude brasileira, desenvolvendo-lhe a fé na vitória, objetivo definido, controle de si mesmo, entusiasmo, segurança, espírito de luta, imaginação, cooperação, paciência e persistência, que integrarão as forças espirituais com as quais ela se apresentará para enfrentar todos os problemas a despeito dos obstáculos que surjam.